

MALA NOCHE / 1985
Mala Noche

Um filme de Gus Van Sant

Argumento e montagem: Gus Van Sant, baseado no romance homónimo de Walt Curtis / *Diretor de fotografia* (16 mm, preto & branco e cores): John Campbell / *Imagens adicionais:* Eric Alan Edwards / *Montagem:* Gus Van Sant / *Som:* Pat Baum / *Música:* Creighton Lindsay; canções de Violeta Parra, The Neo Boys, The Beatles (na versão original do filme), Los Brabos del Norte, Ity Bity, Ron Swager / *Intérpretes:* Tim Streeter (*Walt*), Doug Cooney (*Johnny*), Ray Monge (*Roberto*), Nila McCarthy (*Betty*), Arturo Torres (*a voz de Johnny*), Sam Downey (*o empregado do hotel*), Bob Pychlynn (*um bêbedo*), Bad George Connor (*outro bêbedo*), Eric Pedersen (*um polícia*), Marty Christiansen (*o empregado do bar*), Eric Pedersen (*outro polícia*), Don Chambers (*o próprio*), Walt Curtis (*George*), Jenny Presler (*um prostituto na rua*), Maruja Muñoz (*a mulher com a faca*), Gus Van Sant (*um homem no hotel*) e outros.

Produção: Gus Van Sant, para a Northern Film Company / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm (ampliado do original em 16 mm), versão original com legendas em português / *Duração:* 75 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Berlim, Fevereiro de 1986 / *Primeira apresentação em Portugal:* 19 de Junho de 1995, na Cinemateca Portuguesa, no âmbito do ciclo "Gus Van Sant", com a presença do realizador; estreia comercial: Lisboa (cinema Nimas), 13 de Setembro de 2007.

com a presença de GUS VAN SANT

Quem se mete com o touro leva uma cornada.
- legenda inicial do filme.

Gus Van Sant costuma dizer que a única definição válida de *filme independente* é o filme produzido pelo próprio realizador, que fica deste modo livre de compromissos. Neste caso, **Mala Noche** é realmente um filme independente, pois foi financiado com as economias de Gus Van Sant, pela magra quantia de 25 mil dólares. Mas também é um belo exemplo da estética e da linguagem do chamado *cinema independente* americano. Filmado em 16 mm e a preto e branco (com algumas inserções em Super-8 a cor), **Mala Noche** foi estreado no Festival de Berlim, apresentado na série New Film, New Directors no Lincoln Center no mesmo ano, elogiado por alguns críticos (como a temida Pauline Kael, do *New Yorker*) e distribuído comercialmente em alguns países. Isto não é pouco, mas o filme teve nova vida depois do sucesso de **My Own Private Idaho**. A versão que vamos ver foi feita para a reposição do filme nos anos 2000 (como o prova o agradecimento a Marin Karmitz no genérico de fim: em 1985, ele talvez se recusasse a cumprimentar um desconhecido como Gus Van Sant) e o realizador fez uma ligeira alteração na banda sonora. O motivo: Yoko Ono criou problemas pelo uso fugaz de uma música dos Beatles e foi mais simples suprimi-la para que o filme pudesse continuar a circular (numa passagem, vemos nitidamente um disco com a maçã que era o logotipo da Apple Records ser posto a tocar, mas não ouvimos a música).

Embora as profecias retrospectivas sejam um exercício um tanto fácil, é possível detectar em **Mala Noche**, além do evidente talento do realizador, muito do futuro cinema de Van Sant, a nível temático e estilístico. Há o tema do desejo sexual que não encontra nenhuma reciprocidade, antecipando o tema do amor sem reciprocidade que está no cerne de **My Own Private Idaho**, além de uma primeira aparição da cidade de adoção do realizador, Portland, no Oregon. A região onde se situa a cidade, o Pacific Northwest, foi integrada nos anos 90 ao imaginário coletivo americano (Seattle foi uma cidade-símbolo daquele decénio nos Estados Unidos), através de **Twin Peaks**, sendo depois explorada em diversos filmes (**Body of Evidence**, **Singles**, **Sleepless in Seattle**, **Little Buddha**). A região e a cidade fazem parte integrante do imaginário e da mitologia pessoal do realizador, através de um itinerário poético e pessoal. É uma região que até então era quase virgem de alguma mitologia cinematográfica,

uma região chuvosa, com uma luz peculiar e - segundo os seus admiradores - uma certa propensão a engendrar personagens excêntricos. Em relação a Portland, Van Sant conseguiu duas pequenas proezas: viver parte do ano ali, sem por isto perder o contacto com a indústria cinematográfica; colocar a cidade e a sua região no mapa do cinema moderno ou *pós-moderno*, expressão hoje quase esquecida, mas que nos anos 90 foi várias vezes aplicada à sua obra.

A nível estilístico, uma das características marcantes do cinema de Van Sant é evidente no filme: a sua intensa qualidade visual, o que não é de espantar quando se sabe que ele estudou numa escola de artes plásticas e é pintor. Mas contrariamente ao que se passa com cineastas com quem Van Sant podia ser comparado neste período, como Jim Jarmusch ou Hal Hartley, o seu cinema pode ser denso do ponto de vista emocional e em **Mala Noche** os sentimentos do protagonista não são objeto de brincadeiras por parte do realizador, embora o sejam por parte dos outros personagens. De certa forma, **Mala Noche** é uma imagem em negativo de **My Own Private Idaho**: este último filme, por mais pungente e doloroso que seja, é luminoso, ao passo que **Mala Noche**, apesar do *détachement* e da ironia que o atravessam ("*you drive like you fuck*"), é algo sombrio e confessionalista (há uma constante voz *off*), com um homem a desejar e cortejar eternamente um objeto sexual que nunca será seu. Este aspecto pessimista já é manifesto no título, que inverte ironicamente a idéia de uma noite agradável, que Walt deseja e jamais consegue, como também inverte o sentido da expressão *buenas noches*. É também um filme muito menos idealista do que **My Own Private Idaho** (ao que parece, o livro que serviu de ponto de partida ao filme tem trechos extremamente crus).

Além de aspectos temáticos, há vários aspectos formais em **Mala Noche** que permitem ao espectador identificar a assinatura de Gus Van Sant. Há a sua habitual mestria em dirigir os atores, neste caso misturando com êxito um profissional de teatro (o protagonista) e dois amadores. A narrativa, como em tantos filmes *pós modernos* (o Jarmusch dos anos 80 é um exemplo perfeito) é feita por uma sucessão de vinhetas, o que faz com que cada uma das etapas seja nítida e intensa, sem tempos mortos. Como em **Drugstore Cowboy** e **My Own Private Idaho**, Van Sant utiliza imagens de *home movies* em Super-8, como signos da memória dos personagens, breves lampejos de (felizes?) momentos que se foram. A súbita irrupção de imagens a cor, deliberadamente banais, acentua, por contraste, a beleza do preto e branco (Robert Campbell também assinaria a fotografia de **My Own Private Idaho** e **Even Cowgirls Got the Blues**) e cria um curioso efeito de realidade - e também um certo prosaísmo - como se aqueles *home movies* ilustrassem a rodagem do filme e não pertencessem à ficção narrada. **Mala Noche** é pontuado por outros pormenores visuais, que assinalam uma vontade de estilo, uma busca de imagens que não sejam banais, como as nuvens em movimento, que sete anos mais tarde pontuarão **My Own Private Idaho** e que Van Sant inserirá em outros filmes, como uma assinatura (**Psycho**, **Gerry**). Mas há também um aspecto menos visível de **Mala Noche** que antecipa o futuro trabalho de Van Sant nos filmes que fez fora da grande indústria: a dualidade, o facto das coisas não terem um sentido único e simples. **Mala Noche** é um drama passionai - apesar do desenlace nada dramático - mas também tem, muito indiretamente, algo de um filme político. Há algo de literalmente incomunicável entre os personagens, que não falam a mesma língua, não têm os mesmos interesses, nem a mesma relação com o sexo. É através da relação entre Walter e os imigrantes mexicanos (idealismo de um lado, total impermeabilidade do outro) que Van Sant delineia um significado político para o seu filme, ainda que esta não tenha sido a sua intenção inicial, pois o "problema" dos *chicanos* é abordado através de um prisma pessoal e afetivo: são indivíduos e não abstrações. Mais individualizado e definível ainda do que estes rapazes oportunistas e despertando a identificação do espectador, é o personagem principal, Walt, que é de certo modo uma versão suavizada de outro personagem de Van Sant, o Mike de **My Own Private Idaho**, que busca a felicidade sem jamais encontrá-la, embora Walt não conheça tanto sofrimento e viva numa esfera mais quotidiana e prosaica. Também neste aspecto, **Mala Noche** abre caminhos na nossa percepção da obra de Van Sant (a sua vertente de *autor* ou *cineasta independente*, não as suas incursões ao cinema industrial, como **Milk**), além de ilustrar a alta qualidade que podia ter o *cinema americano* independente dos anos 80.

Antonio Rodrigues